

Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar

Maria Lúcia Lemme Weiss

Revisão e atualização de conteúdo
Alba Weiss

14^a edição

2^a reimpressão



lâmparina

Psicopedagogia clínica:
uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar
Maria Lúcia Lemme Weiss

1–2 ed. (1992–1994), Porto Alegre: Artes Médicas
3–11 ed. (1997–2006), Rio de Janeiro: DP&A
12– ed. (2007–)
© Lamparina editora

Revisão e atualização de conteúdo Alba Weiss
Revisão de texto Frederico Hartje
Projeto gráfico Fernando Rodrigues

Esta obra foi composta em Plantin e impressa em papel Offset LD 70g/m² e cartão Supremo 250g/m² pela Rotaplan para a Lamparina editora em fevereiro de 2020.

O texto deste livro foi adaptado ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 1990, que começou a vigorar em 1º de janeiro de 2009.

Proibida a reprodução, total ou parcial, por qualquer meio ou processo, seja reprográfico, fotográfico, gráfico, microfilmagem etc. Estas proibições aplicam-se também às características gráficas e/ou editoriais. A violação dos direitos autorais é punível como crime (Código Penal, art. 184 e §§; Lei 6.895/80), com busca, apreensão e indenizações diversas (Lei 9.610/98 – Lei dos Direitos Autorais – arts. 122, 123, 124 e 126).

Catálogo na fonte do Sindicato Nacional dos Editores de Livros

w456p

Weiss, Maria Lúcia Lemme

Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar / Maria Lúcia Lemme Weiss. 14 ed. rev. e ampl. 2ª reimpr. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020

5.000 exemplares

200p.; il.; 17,5 × 24cm

Apêndice

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-98271-95-8

I Psicologia da aprendizagem 2 Psicologia educacional 3 Avaliação educacional

I Título

CDD 370.15

CDU 37.015.3

Lamparina editora
Rua Joaquim Silva, 98, sala 201, Lapa
CEP 20241-110, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Tel. (21) 2252 0247
www.lamparina.com.br
lamparina@lamparina.com.br

A Paschoal Lemme, meu pai,
construtor da intelectual;
Arthur Bernardes Weiss,
que pelo amor construiu a mulher;
Lúcia Helena, Fernando e Albinha,
que pelo carinho e compreensão construíram a mãe;
pacientes da Clínica Comunitária do SPA (UERJ),
construtores da terapeuta;
Cláudia Toledo Massadar,
representando todos os amigos e ex-alunos que com afeto
construíram o meu desejo de escrever e colaboraram
na realização deste livro;
meu carinho e gratidão.



Nota editorial 9

Prefácio 11

Welitom Vieira dos Santos

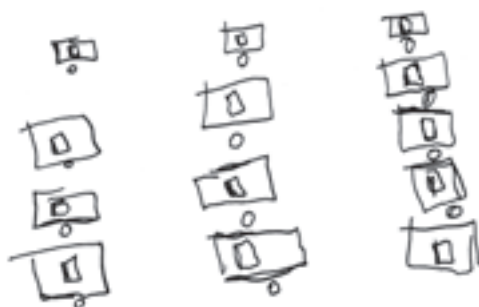
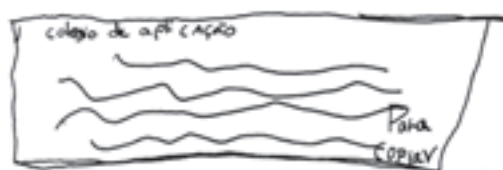
Introdução 15

1	Compreensão das dificuldades de aprendizagem escolar	19
2	Aspectos básicos do diagnóstico psicopedagógico	31
3	Diagnóstico: o primeiro contato telefônico	45
4	A queixa (o motivo do diagnóstico)	48
5	Primeira sessão diagnóstica	53
6	Anamnese	65
7	Uso do lúdico no diagnóstico psicopedagógico	75
8	Avaliação do nível pedagógico	95
9	Uso de provas e testes	105
10	Uso da informática no diagnóstico psicopedagógico	131
11	Devolução e encaminhamento	137
12	Informe psicopedagógico	145
13	Diagnóstico por equipe multidisciplinar	149
14	Consultório	153

Anexo

1	Provas do diagnóstico operatório	161
2	Teste WISC – Proposta de interpretação por Glasser e Zimmerman (com sugestões dos autores)	181

Bibliografia e leitura complementar 189



Nota editorial

Desde a 1ª edição, em 1992 (pela editora Artes Médicas), este livro vem sendo atualizado. A partir da 6ª (pela DP&A editora), foram incluídos temas relevantes sobre o uso da informática e das provas projetivas psicopedagógicas. Na 12ª, já pela Lamparina editora, a psicopedagoga Alba Weiss fez a revisão e a atualização de conteúdo, mantendo sempre o compromisso com a constante reflexão sobre a psicopedagogia. Nesta 14ª edição, mantém-se a atualização de conteúdo, além da complementação de temas, reorganização de textos e capítulos, e a inclusão de notas referenciais.¹ Dessa forma, procura-se dar maior funcionalidade à estrutura do livro para facilitar a leitura.

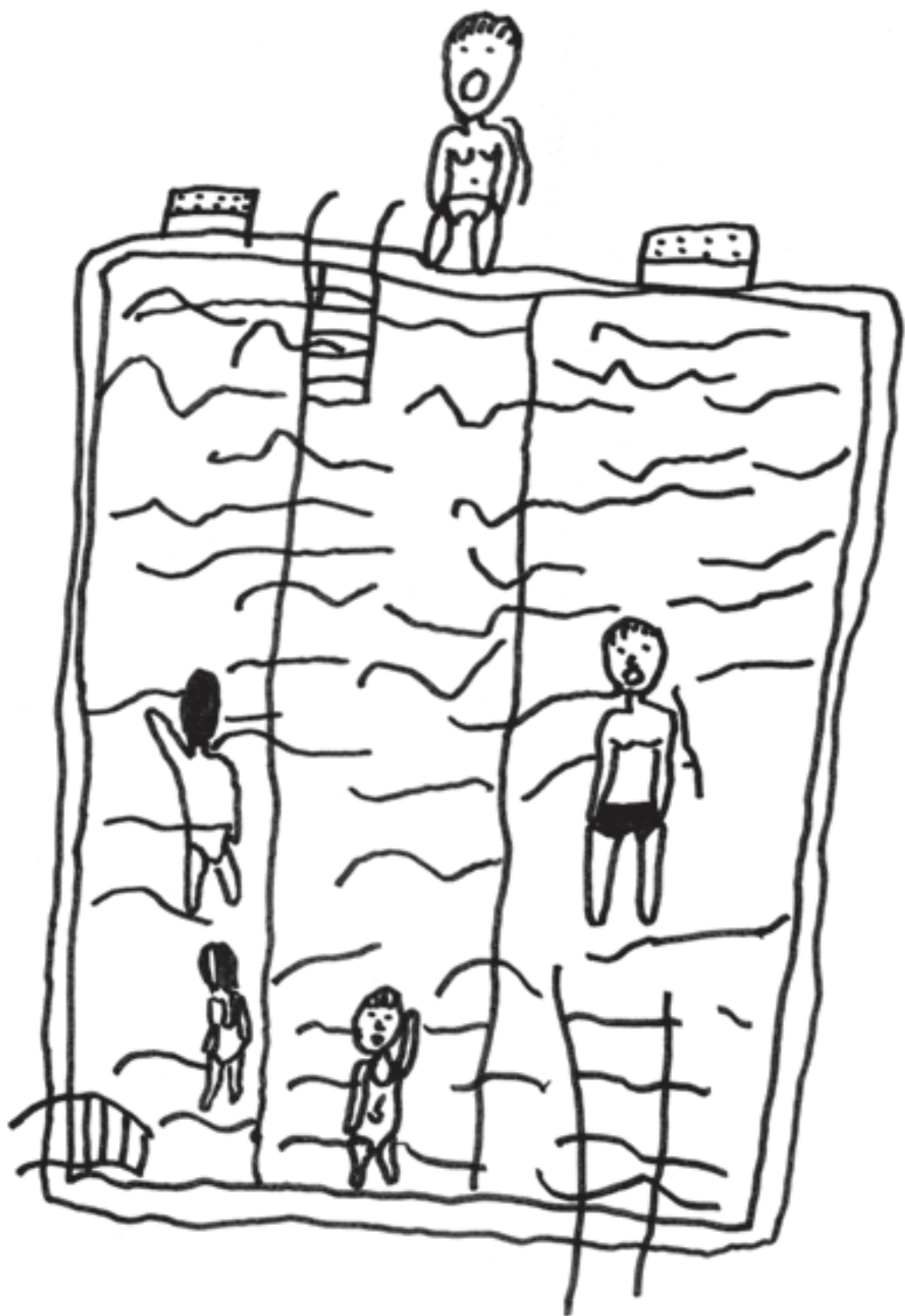
1 Quando a nota refere-se à outra página deste livro, não indicamos o autor:

x Capítulo, página.

Quando a nota, no corpo do texto, refere-se a outro livro, indicamos apenas o sobrenome do autor, e quando possível, data de publicação e a página:

x Autor, data, página.

Ao fim do livro (p.189), arrolamos todas as referências usadas com suas informações bibliográficas completas.



Prefácio

Fico pensando por que se escrevem livros como este *Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar*. Certamente, a todos os motivos se soma o desejo-necessidade de intervir. Numa ampla, múltipla e coletiva sessão. A experiência acumulada incomoda, e é preciso dividir.

A leitura do livro deixa uma inevitável constatação: o exercício da Psicopedagogia não é para quem quer; é, sobretudo, para quem pode. Não basta o domínio teórico, já que seu exercício é meta-teórico e supõe, por parte do profissional, uma percepção refinadamente seletiva e crítica. Mais ainda, a capacidade de juntar e processar saberes, na medida de cada caso, para dar conta de cada um. A isso há que se somar a saúde emocional do psicopedagogo, sua capacidade de transitar entre as complexas relações familiares, muitas vezes em famílias em processo de reorganização, e identificar as possíveis saídas.

O livro mostra, claramente, a complexidade do fazer psicopedagógico e, por isso mesmo, não deixa seu leitor desamparado. Abastece-o de um saber prático de experiência, feito e iluminado por algumas teorias. E aqui cabe uma observação. Não há aquilo a que estamos acostumados: a definição inicial de uma posição teórica a sedimentar os passos da autora. Há, isto sim, no decurso da exposição, a presença de teóricos que melhor “iluminaram”, na ótica da autora, os diferentes passos da intervenção: Donald Winnicott, Melanie Klein, Enrique Pichon-Rivière, José Bleger, Françoise Dolto, Jorge Visca, Maud Mannoni, “iluminados”, em contrapartida, pela prática.

Rico e, algumas vezes, exaustivo pela minuciosa pauta apresentada, como na exploração do lúdico, entrevistas, diagnóstico, não se furta a advertir para alguns perigos que rondam o iniciante.

De resto, é livro para ser lido não apenas por psicopedagogos, mas por todos os profissionais que atuam na escola: professores, orientadores, supervisores e administradores. De preferência, ainda no período de formação, como as licenciaturas e os últimos períodos do curso de Pedagogia. Ficará claro para cada um que não existe ato inócuo praticado na escola, e que cada um desses atos, de alguma forma, afeta a sala de aula, atinge o aluno. Aliás, não há ato inofensivo quando se trata de criança, na educação familiar ou

escolar. Nada mais necessário do que sabermos que nossa atuação na sala de aula pode levar a uma desastrosa desorganização mental e emocional do aluno. Nossas relações, nossa cobrança – muitas vezes incompatível com a maneira de ensinarmos –, nossa linguagem e modo de explicar, com frequência são os verdadeiros responsáveis pelo fracasso do aluno.

O livro, com linguagem clara e leve, nos deixa alerta e preocupados, mas sabendo o que fazer. E, claro, por iluminar objetos nos legará sombras que escondem objetos que será preciso iluminar. E criar sombras e...

É para ler e recomendar a outros: “Olha, li um livro que me acertou os passos, me abriu a visão e me arrumou os gestos. Você precisa conhecê-lo.”

Welitom Vieira dos Santos

Professor da Faculdade de Educação da UERJ

Ainda estava escuro quando acordou. Olhou para cima e viu que as estrelas brilhavam através do teto semidestruído.

“Queria dormir um pouco mais”, pensou ele. Tivera o mesmo sonho da semana passada, e outra vez acordara antes do final.

Levantou-se e tomou um gole de vinho. Depois pegou o cajado e começou a acordar as ovelhas que ainda dormiam. Ele havia reparado que, assim que acordava, a maior parte dos animais também começava a despertar – como se houvesse alguma misteriosa energia unindo sua vida à daquelas ovelhas que há dois anos percorriam com ele a terra, em busca de água e alimento. “Elas já se acostumaram tanto a mim que conhecem meus horários”, disse em voz baixa. Refletiu um momento, e pensou que podia ser também o contrário: ele que havia se acostumado ao horário das ovelhas.

Havia certas ovelhas, porém, que demoravam um pouco mais para levantar. O rapaz acordou uma a uma com seu cajado, chamando cada qual pelo seu nome. Sempre acreditara que as ovelhas eram capazes de entender o que ele falava. Por isso costumava às vezes ler para elas os trechos de livros que o haviam impressionado, ou falar da solidão e da alegria de um pastor no campo, ou comentar sobre as últimas novidades que via nas cidades por onde costumava passar.

Paulo Coelho, *O alquimista*

Não darei inicialmente uma revisão histórica e mostrarei o desenvolvimento das minhas ideias com base nas teorias dos outros, porque minha mente não funciona desse modo. O que acontece é que coleciono isto e aquilo, aqui e acolá, vinculo-me à minha experiência clínica, formo minhas próprias teorias e depois, no fim, passo a me interessar em verificar o que roubei, e de quem. Talvez este método seja tão bom quanto qualquer outro.

D W Winnicott, *Primitive emotional development*

Querem uma originalidade absoluta? Não existe. Nem na arte nem em nada. Tudo se constrói sobre o anterior, e em nada do que é humano se pode encontrar a pureza. Os deuses gregos também eram híbridos e estavam “infectados” de religiões orientais e egípcias.

Ernesto Sabato, *O escritor e seus fantasmas*

Introdução

Num país de dimensões continentais e de enorme diversidade cultural e econômica, o que é excelente numa grande cidade poderá não servir num pequeno povoado do sertão, numa comunidade ribeirinha da Amazônia. O comum é o *ser brasileiro*; o restante marcará a diferença. Igualdade e diversidade não são conceitos absolutos, mas de grande relatividade. Essa relatividade passa por inúmeros fatores: biológicos, geográficos, históricos, culturais, econômicos, educacionais etc. Há de se considerar a diversidade das escolas entre si, para posteriormente procurar o que existe de igual, de mais constante em determinada escola, para num segundo momento de análise observar igualdades e diferenças entre os alunos.

A maioria avassaladora das questões escolares está ligada aos *vínculos inadequados com os objetos escolares, com as situações escolares e com a aprendizagem formal* – vínculos esses construídos pela criança ao longo de sua história de vida familiar e escolar, pelas questões de educação no cotidiano da vida familiar, na interiorização dos limites psicossociais, na construção da baixa resistência às frustrações vividas no dia a dia.

Será que, como profissionais de *educação e saúde*, estamos realmente preparados para lidar com as diferenças entre os alunos? Não existirão tentativas sutis de classificá-los? Como encarar nossa dificuldade pessoal de lidar com as diferenças entre nossos filhos, alunos, clientes, colegas de trabalho, amigos, pessoas em geral? A questão estará no domínio biológico, cognitivo, afetivo ou social? *Todo novo é sempre ameaçador*; a mudança interna necessária para compreendermos a diferença que existe no *outro*, no externo, além de ser ameaçadora, pode paralisar nossas ações. *Não será mais fácil lidar com filhos, alunos ou pacientes que sejam “iguais”*? Dizemos sempre que justiça é tratar igual a todos. Justiça não seria tratar de modo diferente a quem é realmente diferente? Dar a cada filho ou aluno de acordo com sua verdadeira necessidade? *Não confundir leis gerais da sociedade com relação pessoal, dual, em momentos de educação familiar e escolar?*

O que é ser diferente? Diferente de quê? De quem? Em relação a quê? Para quê? Em que momento?

Será que o “aluno muito diferente” incomoda pais e professores, e por isso acaba sendo encaminhado a um diagnóstico com

o psicopedagogo, o psicólogo ou o médico? Será que o aluno que incomoda, agitado, desatento, não pode ser mais desenvolvido intelectualmente que a média do grupo? A conduta de quem está, intelectualmente, acima ou abaixo da média da turma pode, em termos psicossociais, ser muito semelhante: desinteresse, distração, agitação. A causa poderia ser: “Já entendi tudo isso, cansei de esperar”, ou “Não entendi nada, não adianta me esforçar porque vou continuar não entendendo”. As causas são diferentes, mas os produtos poderão ser semelhantes. *Como despertar a motivação desses alunos para aprender? Como criar o desejo em cada um de aprender e produzir bem? Como desenvolver o prazer na aprendizagem escolar?* Esse é um desafio para pais e educadores. Por onde passará esse desafio? Pela questão pedagógica e didática? Pela situação social mais ampla com apelos constantes e ritmos diferentes da escola, da família?

Qual é a verdadeira função de um diagnóstico psicopedagógico? Pesquisar igualdades ou diferenças? Será que a singularidade do aprender é difícil de ser captada pelos adultos? O importante no diagnóstico psicopedagógico é a tentativa de captar a forma individual de aprender e produzir de determinado aluno. Há diferenças no nível de atenção do aluno para observar e assimilar um material que seja apresentado em desenhos ou por escrito, que venha mediante uma explicação oral ou uma troca em grupo de colegas. Do que o aluno precisa para ouvir e ver ao mesmo tempo? O tempo de que necessita para “processar” e responder oralmente e/ou por escrito ao que lhe é perguntado? O aluno responde melhor quando é questionado por escrito? Responde melhor quando é mais exigido, mais cobrado? A exigência cria no aluno muita ansiedade, e por isso ele não consegue pensar e responder adequadamente? Responde melhor quando lhe é dado mais tempo para agir? Precisa sempre de uma situação lúdica e não responde quando a situação é proposta de forma mais séria? Muitas outras questões podem ser formuladas pelo professor que observa os alunos que se destacam em meio aos 30 ou 40 de sua turma.

Na *clínica psicopedagógica* encontrei uma sequência, um caminho mais ou menos constante perpassando diversas queixas escolares e familiares quanto à baixa produção escolar e/ou a dificuldades de aprendizagem escolar:

- 1 *Grande exigência familiar e/ou escolar* em exercícios, provas, jogos livres, atividades esportivas etc.
- 2 *Impossibilidade de responder* à altura do que o próprio aluno espera em relação àquilo que acha que pode realmente produzir, responder, vencer – envolve a questão da autoestima, do autoconceito.

3 *Ansiedade* causada pela frustração de não conseguir o que acha que pode, que sabe – ansiedade agravada pela baixa resistência à frustração.

4 *Aumento gradativo da ansiedade* – envolve o fato de pais e professores não perceberem o que está acontecendo no início do processo.

5 *Nível de ansiedade insuportável*.

6 *Autodefesa* em relação a essa grande ansiedade, gerando uma “fuga” da situação ameaçadora pela diminuição do foco de atenção, dispersão, fantasias variadas, agitação, acarretando a saída do próprio lugar ou da sala de aula, mexida com os colegas mais próximos e outros “mecanismos de defesa”.

Acreditamos que essa visão, acrescida de muitos outros dados orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos obtidos no processo do *diagnóstico psicopedagógico*, deva ser passada para a *escola* e para os pais, a fim de que haja a compreensão da forma pela qual a criança ou o adolescente “encara” e “processa” a aprendizagem e/ou a produção escolar. A compreensão da singularidade do filho e do aluno é que possibilitará a pais e professores a reflexão sobre como estão agindo com ele, como é importante permanecer com certas condutas que dão certo e mudar totalmente outras que agravam a situação.

Por exemplo, *no início da formalização do processo de alfabetização* é preciso observar com muito cuidado as primeiras reações da criança. *Algumas crianças não aguentam as primeiras frustrações causadas por erros, mesmo sendo erros construtivos para a compreensão do processo – para a criança, “erros serão sempre erros” no sentido negativo*. Errar nos chamados “trabalhinhos” de papel é muito frustrante para a criança que compara o seu produto com o dos colegas. Algumas vezes rabiscam, amassam ou mesmo rasgam o papel dizendo: “Tá feio”, “Tá errado”. Procuram fugir dos “trabalhinhos” no dever de casa ou na escola levantando da cadeira, puxando conversa ou brincadeira, saindo para ir ao banheiro ou beber água, bocejando, deitando a cabeça na mesa e outras manifestações para escapar da tarefa que lhe é proposta. Algumas dessas crianças também não suportam perder em qualquer tipo de jogo. Provavelmente, interiorizaram uma *autoexigência muito grande e baixa resistência à frustração*, e assim não aguentam errar ou perder no jogo. *É indispensável ajudá-las desde o início do processo, dando-lhes mais estímulo, autorizando-as a errar, a perder não só na escola, como na família*.

O *atendimento psicopedagógico* possibilitará a intervenção e o apoio permanente para possíveis mudanças de conduta do aluno-paciente,

dentro do respeito a suas características pessoais. Com a criança ou o adolescente fazemos uma intervenção direta, e com a família e a escola realizamos uma troca permanente com a orientação possível.

A questão básica é: como levar a mudança de atitude do filho-aluno-paciente sem cair num mecanismo de “achatamento”, de simples acomodação social, ou de um “band-aid” pedagógico?

Na atualidade, é tema constante de discussão a *inclusão* nas classes comuns das escolas dos alunos portadores de necessidades especiais. A meu ver, o problema não está em incluir ou não incluir, mas em como incluir de modo que o produto seja benéfico para todos: incluídos e incluidores.

Como seria uma proposta de inclusão “psicopedagogicamente” correta? Supomos que deva incluir todos os elementos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, “ensinagem” no dizer de José Bleger. Ou melhor: preparo técnico, pedagógico e apoio constante ao professor que receberá o novo aluno, assim como preparo dos alunos da “turma acolhedora” e, acima de tudo, preparo do aluno de necessidades especiais para ingressar nesse grupo que já estava formado antes de sua chegada e que tem um ritmo de trabalho a que não está acostumado. Se todos os pontos não forem trabalhados constantemente pela escola e pelos responsáveis educacionais, teremos uma “inclusão” apenas fictícia, servindo somente para mais um dado nas estatísticas educacionais.

Nos casos de inclusão, o diagnóstico psicopedagógico é fundamental para conhecer as variáveis do processo de aprendizagem do novo aluno e assim auxiliar o professor a lidar com as novas igualdades e diferenças que passarão a existir em sua turma.

Acreditamos que o respeito constante e a busca da singularidade de nossos filhos, alunos e pacientes dentro da diversidade do universo familiar, escolar e social devam ocorrer por meio de uma visão psicopedagógica. Essa visão norteará a equipe de atuação interdisciplinar quando for necessário qualquer tipo de intervenção, seja escolar ou clínica.

A interseção dos três sistemas básicos – familiar, escolar e clínico –, quando conduzida na direção positiva, criará a possibilidade de mudança significativa que permitirá o crescimento constante das características individuais, de mudanças na singularidade de cada um, respeitando o que é do próprio sujeito, o que pertence à família, o que pertence à escola e o que pertence à sociedade nesse momento histórico.